

DELÍRIO A DOIS

Peça de Eugène Ionesco, estreada em abril de 1962 no Studio dos Champs-Elisées, sob a direção de Antoine Boursellier.

PERSONAGENS:

ELE

ELA

O SOLDADO, OS VIZINHOS

Um quarto qualquer, cadeiras, cama, penteadeira, janela ao fundo, porta à esquerda, porta à direita. ELA está diante da penteadeira que se encontra perto da porta, em primeiro plano, à esquerda. ELE passeia pelo quarto, um pouco nervoso, mas não muito, as mãos cruzadas nas costas, olhos para o teto, como se estivesse observando o vôo das moscas. Percebem-se ruídos lá fora, vociferações, disparos de armas. Cena sem palavras – passeio do homem, toilete da mulher – durante sessenta segundos. As duas personagens estão de robe de chambre e chinelos. A roupa do homem está muito suja; a da mulher manifesta veleidades de coqueteria. ELE tem a barba por fazer. Não são jovens.

ELA – A vida que você me prometeu! E a que me faz passar! Deixei um marido para seguir um amante. O romantismo! O marido valia dez vezes mais, sedutor! Ele não me contradizia, bestamente.

ELE – Eu não te contradigo à toa. Quando você me diz coisas que não são verdadeiras, não posso aceitar. Tenho paixão pela verdade.

ELA – Que verdade? Pois se estou te dizendo que não há diferença. Isso é uma verdade. O caracol, a tartaruga, é tudo a mesma coisa.

ELE – De modo nenhum. Não se trata do mesmo animal.

ELA – Animal é você. Idiota

ELE – Você é que é uma idiota.

ELA – Você está me insultando, imbecil, asqueroso, sedutor.

ELE – Você poderia ao menos me escutar.

ELA – O que é que você quer que eu escute? Há dezessete anos que te escuto. Dezessete anos que você me arrancou de meu marido, de meu lar.

ELE – Mas isso não tem nada a ver com o problema.

ELA – Problema?

ELE – O problema que nós estávamos discutindo.

ELA – Isso já acabou, não há mais problema. O caracol e a tartaruga são o mesmo animal.

ELE – Não, não são o mesmo.

ELA – Sim, são o mesmo.

ELE – Todo mundo sabe que não.

ELA – Que todo mundo? A tartaruga não tem uma carapaça? Responda.

ELE – E daí?

ELA – O caracol não tem uma?

ELE – Sim, e daí?

ELA – O caracol e a tartaruga não se escondem em suas carapaças?

ELE – Sim, e daí?

ELA – E daí? E daí que eu estou provando o que afirmei. Não se diz “lento como uma tartaruga” e “lento como um caracol”? E o caracol, quer dizer, a tartaruga, não rasteja?

ELE – Não exatamente.

ELA – Como não exatamente? Você quer dizer que o caracol não rasteja?

ELE – Sim, rasteja.

ELA – Então, veja bem, é a mesma coisa que a tartaruga.

ELE – Pois não é.

ELA – Teimoso, lesma. Explique porquê.

ELE – Porque não!

ELA – A tartaruga, quer dizer, o caracol anda com sua casa sobre as costas. Casa que ele mesmo construiu.

ELE – A lesma é aparentada ao caracol. É um caracol sem casa. Enquanto que a tartaruga nada tem a ver com a lesma. Ah! Está vendo, está vendo como você não tem razão!

ELA – Então me explique, seu zoólogo, me explique porque não tenho razão.

ELE – Não tem razão porque...

ELA – Mostre-me as diferenças, se puder encontrá-las.

ELE – Porque... as diferenças... Bem, há muitas semelhanças, isso não posso negar.

ELA – Então, por que você nega, apesar de tudo?

ELE – As diferenças... é que... é que... É inútil, pois você não vai admiti-las, e além do mais estou muito cansado. Já expliquei tudo, não vamos recomeçar. Já estou farto.

ELA – Você não quer explicar porque não tem razão. Você não pode dar razões simplesmente porque não as tem. Se você estivesse agindo de boa fé, você confessaria. Mas está de má fé, sempre age de má fé.

ELE – Você está dizendo tolices, está dizendo tolices. Vejamos, a lesma faz parte... ou sobretudo o caracol... E a tartaruga, ele...

ELA – Oh! Já estou farta. O melhor que você tem a fazer é calar a boca. Não posso mais ficar ouvindo divagações.

ELE – Pois eu também não agüento mais ouvir você falar. Não quero saber de mais nada.

Ruído de forte explosão

ELA – Nós nunca chegamos a um acordo.

ELE – E como poderíamos chegar a um acordo? Jamais nos entenderemos. (Pausa) Ai está: a tartaruga possui chifres?

ELA – Nunca reparei.

ELE - O caracol tem chifres.

ELA – Nem sempre. Só quando ele os mostra. A tartaruga é um caracol que não mostra os chifres. Do que se alimenta a tartaruga? De salada. O caracol também. Portanto é o mesmo animal. Diga-me o que comes e te direi quem és. Por outro lado, a tartaruga e o caracol são comestíveis.

ELE – Mas não são preparados da mesma maneira.

ELA – E além disso, eles não se comem entre si. Os lobos também não. Pois eles são da mesma espécie. Pode-se dizer, no máximo, que um é variedade do outro. Mas trata-se da mesma espécie, da mesma espécie.

ELE – Espécie de chouriço.

ELA – O que é que você disse?

ELE – Eu disse que nós não somos da mesma espécie.

ELA – Você deveria ter percebido isso há mais tempo.

ELE – Eu percebi isso desde o primeiro dia. Mas aí já era muito tarde. Deveria ter percebido isso antes mesmo de conhecê-la. Na véspera. Desde o primeiro dia pressenti que nós nunca nos compreenderíamos.

ELA – Você deveria ter me deixado com meu marido, com a afeição dos meus. Deveria ter me prevenido, deixar-me cumprir com o meu dever. Um dever que era um prazer todos os instantes, de dia e de noite.

ELE – Quem te obrigou a me seguir?

ELA – Você é que me arrastou. Sedutor! Já faz dezessete anos. Nessa idade não sabemos direito o que fazemos. Deixei minhas crianças. Não tinha crianças. Mas poderia tê-las. E tanto que eu queria. Eu poderia ter tido filhos que me fizessem companhia, que me defendessem. Dezessete anos!

ELE – Haverá ainda mais dezessete anos. Mais dezessete anos ainda a máquina vai girar.

ELA – Isso porque você não quer admitir as evidências. Primeiramente a lesma tem a sua casinha escondida. Logo é um caracol. E portanto, é uma tartaruga.

ELE – Ah, vejamos. O caracoi é um molusco, um molusco gasterópodo.

ELA – Molusco é você. O molusco é um animal mole. Como a tartaruga. Como o caracol. Não há diferença. Se você assusta o caracol, ele se esconde em sua casinha, exatamente como a tartaruga. Mais uma prova de que são o mesmo animal.

ELE – Afinal de contas, me dá no mesmo. Há anos que nós brigamos por causa da tartaruga e do caracol...

ELA – Do caracol ou tartaruga.

ELE – Como você quiser. Já não posso mais ouvir falar. (Pausa) Eu também deixei minha mulher. Aliás, na verdade, nós já estávamos divorciados. O único consolo é pensar que isso já aconteceu a milhares de pessoas. Não se deve divorciar de alguém. Se eu não me tivesse casado, não teria me divorciado. Nunca se sabe.

ELA – Ah, sim. Em se tratando de você não é possível saber. Você é capaz de tudo. Você não é de nada.

ELE – Uma vida sem futuro é sempre uma vida sem futuro. Nem mesmo isso.

ELA – Há pessoas que tem sorte. Os afortunados. Os desafortunados não a tem.

ELE – Estou com muito calor.

ELA – Eu estou com frio. Agora não é hora de ficar com calor.

ELE – Está vendo como nunca chegamos a um acordo. Não nos entendemos nunca. Vou abrir a janela.

ELA – Você quer que eu fique gelada. Está querendo me matar.

ELE – Eu não quero te matar. Estou querendo apenas um pouco de ar.

ELA – Você dizia que era preciso se resignar à asfixia.

ELE – Quando eu disse isso? Eu nunca disse isso.

ELA – Sim, você disse. No ano passado. Você nem sabe mais o que diz. Está se contradizendo.

ELE – Não estou me contradizendo. São as estações.

ELA – É, mas quando é você que está com frio, bem que você me impede de abrir a janela.

ELE – É exatamente nisso que te reprovo: de sentir calor quando estou com frio, e de sentir frio quando estou com calor. Nunca sentimos frio ou calor ao mesmo tempo.

ELA – Nunca sentimos frio ou calor ao mesmo tempo.

ELE – Não, nunca sentimos frio ou calor ao mesmo tempo.

ELA – É porque você não é um homem como os outros.

ELE – Eu não sou um homem como os outros?

ELA – Não infelizmente, você não é um homem como os outros.

ELE – Não, felizmente eu não sou um homem como os outros. (Explosão)

ELA – Infelizmente. (Explosão)

ELE – Felizmente. (Explosão) Uma explosão. Eu não sou um homem banal, não sou um idiota. Como todos os idiotas que você conheceu. (Explosão)

ELA – Veja, uma explosão.

ELE – Não sou um qualquer. Já fui recebido por princesas que tinham decotes até o umbigo, com corpetes por baixo, sem os quais ficariam nuas. Tinha idéias geniais; poderia tê-las escrito, tinha sido convidado a escrevê-las. Teria sido um poeta.

ELA – Você se acha mais esperto que os outros. Eu também acreditei nisso, um dia em que estava louca. Não, não é verdade. Fiz de conta que acreditava nisso. Porque você me seduziu, mas não passa de um cretino.

ELE – Cretina!

ELA – Cretino! Sedutor!

ELE – Não me insulte. Não me chame mais de sedutor. Você não tem vergonha.

ELA – Eu não te insulto. Eu te desmascaro.

ELE – Eu também te desmascaro. Toma, tiro os teus disfarces. (Dá-lhe uma forte bofetada)

ELA – Ordinário! Sedutor! Sedutor!

ELE – Atenção... cuidado!

ELA – Don Juan! (Dá-lhe uma bofetada) Bem feito!

ELE – Cala boca!... Escuta

Os ruídos de fora se intensificam, as vociferações, os disparos que antes se percebiam vagamente à distância estão mais próximos, do lado de fora da janela. Ele, que se preparava para reagir violentamente aos insultos da mulher, se detém subitamente. Ela também.

ELA – Que é que eles estão fazendo agora? Abre logo a janela. Veja.

ELE – Agora há pouco você dizia que não era para abrir a janela.

ELA – Eu abro mão disso. Está vendo. Eu sou boazinha.

ELE – É verdade, pelo menos por uma vez isso é verdade, embusteira. Além do que, agora você não terá mais frio. Isso parece estar pegando fogo. (Abre a janela e olha)

ELA – O que está acontecendo?

ELE – Não é grande coisa. Três mortos até agora.

ELA – De onde?

ELE – Um de cada lado. E um neutro, um transeunte.

ELA – Não fique na janela. Vão atirar em você.

ELE – Eu fecho. (Fecha a janela) Aliás, está ficando cada vez mais distante.

ELA – Então, é sinal de que eles partiram.

ELE – Deixe-me ver.

ELA – Não abra. (Ele abre a janela) Por que eles partiram? Responda. E feche a janela. Estou com frio. (Ele fecha a janela) Vamos nos sufocar.

ELE – No entanto, bem se vê que eles estão espiando. Suas cabeças aparecem lá na esquina, dos dois lados. Não podemos ainda passear. Não podemos ainda sair. Tomaremos as decisões mais tarde. Amanhã.

ELA – Ainda uma boa ocasião para não se tomar decisões.

ELE – É isso mesmo.

ELA – E vai continuar assim, vai continuar assim. Quando não é a tempestade, é a greve dos ferroviários; quando não é a gripe, é a guerra. Ah! É fácil. E o que haverá no final de tudo. Nós sabemos bem o que haverá no final de tudo.

ELE – Você não acabou de se pentear e repentear? Você está bonita, não vai ficar mais bonita do que já está.

ELA – Quando estou despenteada você não fica satisfeito.

ELE – Agora não é o momento para ser coquete. Você faz as coisas fora do tempo.

ELA – Estou avançada ao meu tempo. Faça-me bela para os belos dias de amanhã.

Uma bala vinda da rua quebra uma vidraça.

ELA e ELE – Ai! Você viu?!

ELA – Você não está ferido?

ELE – Você não está ferida?

ELA – Bem que eu te disse para fechar direito a janela.

ELE – Vou dar queixa ao proprietário. Como que ele permite uma coisa dessa. Onde está nosso proprietário? Na rua, certamente, se divertindo. Ah! As pessoas!

ELA – Feche direito a janela agora. (Ele fecha os postigos. Escuridão) Acenda a luz, vamos. Não podemos ficar no escuro.

ELE – É porque você me pediu para fechar a janela (Procura o interruptor no escuro e se choca contra um móvel) Ai! Me machuquei

ELA – Desastrado.

ELE – Isso, me xinga. Onde está a coisa? Não é fácil conhecer a casa do proprietário. Nunca se sabe onde ele colocou os interruptores. Não se movem e no entanto mudam o tempo todo de lugar. (Ela se levanta e vai procurar também o interruptor; dá um encontrão n'ELE)

ELA – Você poderia prestar um pouco mais de atenção.

ELE – Você poderia prestar um pouco mais de atenção.

ELA consegue acender a luz.

ELA – Você me fez um galo na testa.

ELE – Você me deu um pisão no pé.

ELA – Você fez de propósito.

ELE – Você fez de propósito. (Vão se sentar cada um numa cadeira. Pausa) Se eu não a tivesse visto, nós não teríamos nos conhecido... como seria... talvez tivesse sido pintor. Talvez outra coisa. O que eu poderia ter sido? Talvez, eu viajasse. Talvez, eu fosse mais jovem.

ELA – Você provavelmente estaria morto num asilo. Talvez nos tivéssemos encontrado do mesmo modo um outro dia. Pode ser que não exista outra possibilidade. Quem sabe?

ELE – Talvez não me estivesse perguntando se há razões para viver. Ou talvez mesmo tivesse outras razões para não estar contente.

ELA – Eu teria visto minhas crianças crescerem. Ou então, teria me dedicado ao cinema. Moraria num lindo palacete com muitas flores... Teria feito... O que teria feito? O que seria?

ELE – Vou sair. (Pega seu chapéu, se dirige para a porta. Ouve-se um grande barulho. Detém-se diante da porta) Ouviu isso?

ELA – Não sou surda. O que é?

ELE – Uma granada. Estão atacando com granadas.

ELA – Mesmo que você esteja decidido, não poderíamos nunca passar. Estamos presos entre dois fogos. Que idéia você teve de escolher esta casa bem na fronteira de dois quartéis!

ELE – Você é quem quis esta casa.

ELA – Mentiroso.

ELE – Você não tem memória ou está fazendo de propósito. Você a quis ela beleza da perspectiva. Dizia que isso me faria mudar as idéias.

ELA – Você está inventando. Jamais tivemos idéias.

ELE – Não se pode prever... Nada nos leva a prever...

ELA – Veja bem, você está reconhecendo. Foi você que escolheu a casa.

ELE – Como poderia ter feito isso se a idéia não foi minha? Uma ou outra.

ELA – Escolhemos porque sim e pronto. (Os ruídos lá fora se tornam mais fortes, gritos, alvoroço nas escadas) Eles estão subindo. Feche bem a porta.

ELE – Está fechada. Ela não fecha direito.

ELA – De qualquer maneira, feche-a direito.

ELE – Eles estão no patamar.

ELA – No nosso? (Ouve-se bater)

ELE – Calma, não é a nós que eles querem. Estão batendo na porta em frente. (Eles escutam, a algazarra continua).

ELA – Estão levando-os.

ELE – Estão subindo para o andar de cima.

ELA – Estão descendo.

ELE – Não, estão subindo.

ELA – Estão descendo.

ELE – Não, estão subindo.

ELA – Estou te dizendo que eles estão descendo.

ELE – Você sempre quer ter razão. Pois eu te digo que eles estão subindo.

ELA – Estão descendo. Você não sabe nem mesmo interpretar os ruídos. É por causa do medo.

ELE – Que eles subam ou desçam, dá no mesmo. Da próxima vez, será a nós que virão buscar.

ELA – Levantamos uma barricada. O armário. Empurre o armário diante da porta. E você ainda diz que tem idéias...

ELE – Eu não disse que tinha idéias. Entretanto, de duas uma...

ELA – O armário, vamos, empurre o armário. (Eles pegam o armário que se encontra à direita e o colocam contra a porta que se encontra à esquerda) Estaremos mais tranqüilos. Pelo menos isso.

ELE – Tranqüilos. Se você chama isso tranqüilidade... Você já não sabe mais o que está dizendo.

ELA – Certamente, porque com você não se pode mesmo dizer que se está tranqüilo. Com você, jamais se está totalmente tranqüilo.

ELE – O que é que te fiz que perturbou tua tranqüilidade?

ELA – Você me irrita. Não me irrite. De qualquer maneira, ficarei irritada.

ELE – Não direi mais nada, não farei mais nada. Nem mesmo farei qualquer coisa. Você sempre dirá que te irrita. Sei muito bem o que se passa na sua cabeça.

ELA – O que é que se passa na minha cabeça?

ELE – Passa por sua cabeça o que se passa por sua cabeça.

ELA – Insinuações! Alusões pérfidas!

ELE – Por que são pérfidas essas insinuações?

ELA – Todas as insinuações são pérfidas.

ELE – Antes de mais nada, isso não são insinuações.

ELA – Sim, são insinuações.

ELE – Não.

ELA – Sim.

ELE – Não.

ELA – Então, se não são insinuações, o que são?

ELE – Para saber o que são as insinuações, é preciso saber o que elas são. Diga-me a definição de insinuação, eu exijo a definição de insinuação.

ELA – Você está vendo que eles desceram! Levaram esses daí da frente. Eles não estão gritando mais. Que será que fizeram com eles?

ELE – Provavelmente foram degolados.

ELA – Que idéia estranha! Oh, não. Não é uma idéia estranha. Mas por que foram degolados?

ELE – Eu não posso nem mesmo ir perguntar-lhes. Não é o melhor momento para isso.

ELA – Poder ser que eles não os tenham degolado. Apesar de tudo, pode ser que lhes tenham feito outra coisa. (Clamores, ruídos fora, as paredes vacilam).

ELE – Está ouvindo?

ELA – Está vendo?

ELE – Está vendo?

ELA – Está ouvindo?

ELE – Eles estão usando minas subterrâneas.

ELA – Vamos nos encontrar no porão.

ELE – Ou na rua. Vai apanhar frio.

ELA – No porão estaríamos melhor. Ali poderíamos instalar o aquecimento.

ELE – Podemos nos esconder.

ELA – Eles não pensarão em nos procurar ali.

ELE – Por quê?

ELA – É muito profundo. Eles não imaginam que pessoas como nós, ou mesmo diferentes, passem sua existência como animais, nos abismos.

ELE – Eles revistam tudo.

ELA – Você pode ir embora. Não sou eu quem te impede de sair. Tome fôlego, aproveite a ocasião para inventar uma outra existência. Vá verificar se ela existe, uma outra existência.

ELE – A ocasião não é propícia. Chove, está geando.

ELA – Você dizia que era eu quem tinha frio.

ELE – Agora sou eu. Estou com frio nas costas. Tenho o direito de ter frio nas costas

ELA – Você tem todos os direitos, é evidente. Eu não tenho nenhum. Nem mesmo o de sentir calor. Está vendo a vida que você me dá? Olha isso. Me diz se isso é alegre. (Mostra as janelas fechadas, o armário diante da porta).

ELE – É uma estupidez isso que você está dizendo. Além disso, você não pode pretender que eu seja responsável pelos acontecimentos, pelo furor do mundo.

ELA – Estou te dizendo que você deveria ter previsto. Em todo caso, você deveria arrumar tudo para que isso não acontecesse enquanto estivéssemos aqui. É a personificação da má sorte.

ELE – Está bem. Então, vou desaparecer. Meu chapéu. (Faz menção de ir buscar o chapéu. Um projétil atravessa a janela e cai no meio do quarto. Eles olham o projétil)

ELA – Veja! Uma carapaça de tartaruga-caracol.

ELE – O caracol não tem carapaça.

ELA – O que é que tem então?

ELE – Não sei. Uma casca.

ELA – É a mesma coisa.

ELE – Ei! É uma granada.

ELA – Uma granada. Vai explodir. Esmague a mecha.

ELE – Já não há mais mecha. Veja, não explode.

ELA – Não perca tempo. Procure um abrigo. (ELA vai se esconder num canto. ELE se dirige até a granada) Você vai se matar. Imprudente, imbecil.

ELE – Não podemos deixá-la aí, no meio do quarto. (Pega a granada, joga-a pela janela. Ouve-se um grande ruído de explosão lá fora).

ELA – Está vendo como ela explode. Talvez dentro de casa ela não explodisse porque não há ar suficiente dentro de casa. Ela explode no ar. Você provavelmente matou alguém. Assassino!

ELE – No ponto a que chegaram, nem se darão conta, no meio da confusão. Em todo caso, por ora estamos fora de perigo. (Grande ruído fora)

ELA – Agora não podemos mais evitar as correntes de ar

ELE – Está vendo, não é suficiente fechar as janelas. É preciso colocar um colchão. Vamos pôr um colchão.

ELA – Você deveria ter pensado nisso antes. Mesmo quando te ocorre uma idéia, ela chega sempre tarde.

ELE – Mais vale tarde do que nunca.

ELA – Filósofo, imbecil, sedutor. Depressa, vamos, o colchão. Mas, ajuda.

Eles apanham o colchão da cama e vão colocá-lo diante da janela.

ELE – Não teremos mais colchão para dormir esta noite.

ELA – É tua culpa que não haja nem mesmo dois colchões nesta casa. Meu marido, a quem você me fez abandonar, sempre tinha muitos colchões em casa. Ah, isso não faltava lá em casa.

ELE – Ele era colchoeiro. Eram colchões alheiros, que vantagem!

ELA – Pois você pode ver que valia a pena, em circunstâncias como esta.

ELE – Em outras circunstâncias, não era vantagem. Até que devia ser engraçada tua casa com colchões por todos os lados.

ELA – Ele não era um colchoeiro vulgar. Ele era um colchoeiro-amador, fazia isso por amor à arte. E por amor a mim, o que é que você faz, pelo meu amor?

ELE – Por amor a você eu me aborreço.

ELA – Não é grande coisa.

ELE – Sim.

ELA – Em todo caso, não se canse. Preguiçoso.

(Novamente ruídos. A porta da direita cai. Fumaça.)

ELE – Isso é demais. Quando se fecha uma porta, há sempre outra que se abre.

ELA – Você vai me deixar doente. Aliás já estou. Sofro do coração.

ELE – Ou que caia sozinha.

ELA – E você vai dizer que não é culpa sua.

ELE – Eu não sou responsável por isso.

ELA – Nunca é responsável.

ELE – Está na lógica dos acontecimentos.

ELA – Que lógica?

ELE – A lógica objetiva dos acontecimentos; está na lógica objetiva dos acontecimentos.

ELA – Que vamos fazer com esta porta? Coloque-a no lugar de novo.

ELE – (Olha pelo vão da porta) Não há ninguém aí nos vizinhos. Eles devem ter partido de férias. Esqueceram os explosivos em casa.

ELA – Estou com sede, com fome. Vá ver se há alguma coisa para comer.

ELE – Talvez pudéssemos sair. A porta dos vizinhos dá para a rua de trás que está mais calma.

ELA – Você não pensa senão em sair. Espere. Vou pôr meu chapéu. (ELE sai pela direita) Onde é que você vai?

ELE – (Dos bastidores) Não poderemos sair. Naturalmente, a parede caiu, desmoronou a entrada da casa dos vizinhos. Um monte de pedras. (Entra) Não vai ser possível atravessar, é preciso esperar que tudo se acalme em nossa rua. Tiraremos o armário, para poder passar.

ELA – Vou ver isso (Sai)

ELE – (Só) Se tivesse partido antes. Já há três anos. Ou mesmo no ano passado. Ou, então, sábado passado. Agora estaria longe, com minha mulher, reconciliado. Ela se casou novamente. Bem, casaria com outra, então. Nas montanhas. Sou prisioneiro de um amor infeliz. E culpado. Podemos dizer que é uma justa punição.

ELA – (Voltando) O que é que você está resmungando aí sozinho? Queixas.

ELE – Estou pensando em voz alta.

ELA – Encontrei salsichão no armário. E cerveja. Uma garrafa quebrou. Onde podemos nos instalar para comer?

ELE – Onde você quiser. No chão. A cadeira nos servirá de mesa.

ELA – Um mundo às avessas. (Eles se sentam no chão, ao redor da cadeira. Ouve-se ruídos lá fora. Gritos, disparos) Estão subindo. Desta vez, estão subindo.

ELE – Você não disse que eles estavam descendo?

ELA – Não disse que não voltariam a subir.

ELE – Era de se prever.

ELA – De qualquer maneira, o que você quer que eu faça?

ELE – Eu não te disse para fazer alguma coisa.

ELA – Felizmente, nem mesmo essa possibilidade você me deixa. (Por um buraco que se fez no teto, cai uma estatueta que se quebra sobre a garrafa de cerveja que se quebra também) Oh! Meu peignoir. O melhor que eu tenho. O único. Um grande costureiro me pediu em casamento, certa vez.

ELE – (Recolhendo os restos da estatueta) É uma reprodução em miniatura da Vênus de Millus.

ELA – Vou ter de varrer tudo isso agora. Limpar meu vestido. Aonde vou encontrar um tintureiro agora? Agora estão guerreando. Eles acham que isso é repousante. (Olhando os restos da estatueta) Não é a Vênus de Millus; é a Estátua da Liberdade.

ELE – Pode ver que está faltando um braço.

ELA – Acaba de quebrar ao cair.

ELE – Já não havia antes.

ELA – E o que é que tem isso? Não prova nada.

ELE – Estou te dizendo que é a Vênus de Millus.

ELA – Não.

ELE – Sim, olhe direito.

ELA – Você vê a Vênus por todo lado. É a Estátua da Liberdade.

ELE – É a Estátua da Beleza. Eu amo a beleza. Poderia ter sido escultor.

ELA – É bonita tua beleza.

ELE – Uma beleza é sempre bela. Afora raras exceções.

ELA – Eu sou a exceção. Não é isso que você está querendo dizer?

ELE – Não sei o quê quero dizer.

ELA – Veja bem, você está me insultando.

ELE – Vou te provar que...

ELA – (Interrompendo-o) Não quero que você me prove o que quer que seja. Deixe-me em paz.

ELE – Você é que tem que me deixar em paz. Quero ficar em paz.

ELA – Eu também, quero ficar em paz. Mas com você! (Um outro projétil atravessa a parede e cai no chão) Mas, estou vendo que com você não é possível.

ELE – Não é possível ficar em paz, sim, mas está fora de nossa vontade. Não é possível objetivamente.

ELA – Estou cheia da tua mania de objetividade. É melhor que você preste atenção ao projétil, ele vai explodir... como o outro...

ELE – Não, não. Esta não é uma granada (Toca o objeto com os pés)

ELA – Cuidado! Vai nos matar. Vai demolir o quarto.

ELE – É um pedaço de granada.

ELA – Justamente, é feito para explodir.

ELE – Um pedaço de granada é qualquer coisa que já explodiu. Portanto, não explodirá mais.

ELA – Você tartamudeia. (Novo projétil! quebra o vidro da penteadeira) Eles quebraram o espelho, eles quebraram o espelho.

ELE – Tanto pior.

ELA – E como eu vou fazer agora para me pentear? E você ainda vai dizer que sou coquete.

ELE – É melhor que você coma o seu salsichão.

Ruídos em cima. Destroços caem do teto. ELE e ELA se escondem sob a cama. Os ruídos externos se intensificam. As metralhadoras se misturam agora aos “hurras”! Eles estão debaixo da cama, um pertinho do outro, de frente para o público.

ELA – Quando eu era pequena, era uma criança. As crianças de minha idade também eram pequenas. Meninos pequenos, meninas pequenas. Não tínhamos todos a mesma altura. Sempre havia os menores, os maiores, crianças loiras, crianças morenas, crianças nem loiras nem morenas. Aprendíamos a ler, a escrever, e contar. Subtrações, divisões, multiplicações, adições. Porque nós íamos à escola. Há crianças que aprendem em casa. Havia um lago, não muito longe. Com peixes. Os peixes vivem na água. Não são como nós. Nós não podemos. Nem mesmo quando ainda somos pequenos. No entanto, deveríamos poder. Por que não?

ELE – Se eu tivesse aprendido a técnica, seria um técnico. Fabricaria objetos. Objetos complicados. Objetos muito complicados. Cada vez mais complicados. Eu simplificaria a existência.

ELA – E à noite, nós dormíamos.

Enquanto isso, continuam a cair destroços do teto. Ao final da peça, não deverá haver quase mais teto. Nem paredes em volta. Se verá em seu lugar, algo parecido com escadas, silhuetas, talvez bandeiras.

ELE – Um arco-íris, dois arcos-íris, três arcos-íris. Ficava contando. Até mais. Eu me questionava. Era preciso responder à pergunta. Na verdade, de que pergunta se tratava? Não era possível sabê-lo. Para obter-se a resposta, é preciso pelo menos propor a questão. A pergunta... Como é possível se obter a resposta se não se faz a pergunta? Então, apesar de tudo, formulava a pergunta. Não sabia qual era a pergunta, mas de todo modo formulava a pergunta. É o que de menos mal poderia fazer. Os que conhecem a questão são malvados... Pergunta-se se a resposta depende da questão ou se é a questão que depende da resposta. Isso é uma outra questão. Não, é a mesma. Um arco-íris, dois arcos-íris, três arcos-íris, quatro...

ELA – Tudo isso é trapaça.

ELE – (Ouvindo os ruídos, vendo caírem os fragmentos do teto e os projéteis. Esses projéteis deverão ser cômicos ou extravagantes e absurdos: pedaços de taças,

cachimbo, cabeças de bonecas, etc) Ao invés de morrerem sozinhas, certas pessoas se fazem matar pelas outras. Elas não tem paciência. Ou isso lhes dá prazer.

ELA – Ou então para se provar que não é verdade.

ELE – Ou talvez porque seja mais fácil. É mais divertido.

ELA – É isto a comunidade.

ELE – Eles se matam uns aos outros.

ELA – Eles se matam cada um à sua vez. Ao mesmo tempo, não é possível.

ELE – (Retomando o fio da meada) Eu estava na soleira da porta. Olhava.

ELA – Havia também um bosque com árvores.

ELE – Que árvores?

ELA – Árvores que cresciam. Mais depressa do que nós. Com folhas. No outono, as folhas caem.

Projéteis que não se vêem abrem enormes buracos na parede. Escombros caem sobre eles, na cama.

ELE – Ui!

ELA – O que foi? Nem te relou!

ELE – Nem a você.

ELA – Então, o que é que há?

ELE – Poderia ter machucado.

ELA – Isso é bem você mesmo. Sempre resmungando.

ELE – Você é que está sempre resmungando.

ELA – Você falando dos outros, ui, ui, ui. Mas sempre tem medo do que pode te acontecer. Você é um inquieto, para não dizer um poltrão, ao invés de ter um serviço, que é que faz o homem. Todo mundo necessita disso. Se vem guerra, não o levam.

Grande barulho nas escadas.

ELA – Estão voltando. Desta vez, vêm nos buscar.

ELE -- Você vê que não me afobo por nada.

ELA – Quase sempre você se afoba por nada.

ELE – Não desta vez.

ELA – Porque você sempre quer ter razão.

Cessam os projéteis.

ELE – Parece que parou.

ELA – Sem dúvida, é o recreio. (Eles saem de baixo da cama e se levantam. Olham o chão entulhado de projéteis, os buracos que se alastram progressivamente na parede) Aonde vai dar isso?

ELE – Vai dar nas escadas.

ELA – Vai dar em qual escada?

ELE – Vai dar nas escadas que vão dar no pátio.

ELA – Nas escadas que vão dar em que pátio?

ELE – Nas escadas que vão dar no pátio que vai dar na rua.

ELA – Que vai dar em que rua?

ELE – Que vai dar na rua onde estão fazendo a guerra.

ELA – Então, é um impasse.

ELE – Então, melhor deixar. Não ponha o chapéu, não é o caso de pôr o chapéu.

ELA – As saídas que você encontra são sempre desastrosas. Por que é que você está pensando em sair se não podemos?

ELE – Eu não pensei na possibilidade de sair senão no caso em que houvesse a possibilidade de saída.

ELA – Então, não adianta pensar na possibilidade de sair.

ELE – Estou te dizendo que não estou pensando na possibilidade de sair. Estou te dizendo que teria pensado nela unicamente no caso em que a possibilidade fosse possível.

ELA – Não tenho necessidade de que você me dê lições de lógica. Tenho mais lógica do que você. Provei isso em toda minha vida.

ELE – Você tem menos.

ELA – Tenho mais.

ELE – Menos.

ELA – Mais, muito mais.

ELE – Cala a boca.

ELA – Não pode me calar.

ELE – Cala a boca, ouviu. Escuta.

Rumores nas escadas e nas ruas.

ELA – O que é que eles estão fazendo?

ELE – Estão subindo, estão subindo. São numerosos.

ELA – Vão nos prender, vão nos matar.

ELE – Não fiz nada.

ELA – Não fiz nada.

ELE – É exatamente por isso.

ELA – Não nos metemos em seus assuntos.

ELE – É por isso, estou te dizendo, é exatamente por isso.

ELA – Se nos tivéssemos metido em seus assuntos, teriam nos matado da mesma forma.

ELE – Já estaríamos mortos.

ELA – É um consolo.

ELE – Pelo menos, escapamos ao bombardeio. Não estão bombardeando mais.

ELA – Estão subindo.

ELE – Estão subindo.

ELA – Estão subindo, e cantam.

Vê-se pelos buracos nas paredes silhuetas que sobem. Ouve-se cantar.

ELE – Não estão mais combatendo.

ELA – Cantam a vitória.

ELE – Ganharam.

ELA – Ganharam o quê?

ELE – Não sei. A batalha.

ELA – Quem ganhou?

ELE – Aqueles que não perderam.

ELA – E quem perdeu?

ELE – Os que não ganharam.

ELA – Como você é esperto. Eu tinha ligeira suspeita disso.

ELE – Você tem lógica. Não muita, mas um pouco.

ELA – E o que fazem os que não ganharam?

ELE – Estão mortos ou estão chorando.

ELA – Por que eles estão chorando?

ELE – Porque estão com remorsos. Erraram. Eles o reconhecem.

ELA – Que erro?

ELE – Erro de não ganhar.

ELA – E os que ganharam?

ELE – Esses tem razão.

ELA – E se uns e outros não tivessem nem ganho nem perdido?

ELE – É a paz branca.

ELA – Então, o que é que acontece?

ELE – Está grisalho. Todo mundo está vermelho de raiva.

ELA – Em todo caso, por ora não há mais perigo.

ELE – Você não terá mais medo.

ELA – Você é que não terá mais medo. Há pouco estava tremendo.

ELE – Não tanto quanto você.

ELA – Tive menos medo que você. (O colchão se desprende da parede. Pela janela se vê bandeiras. Iluminação. Petardos) Ora, ora, ora. Começou de novo. Justamente agora que o colchão caiu. Vamos nos esconder em baixo da cama.

ELE – Não. É a festa, a cerimônia da vitória. Eles desfilam nas ruas. Sem dúvida, eles sentem prazer nisso. Jamais saberemos.

ELA – Não vão nos arrastar em seu desfile? Vão nos deixar tranquilos? Mesmo quando estão em paz não nos deixam tranquilos.

ELE – De qualquer maneira, assim estamos mais tranquilos. Estamos melhor. Apesar de tudo.

ELA – Não estamos bem. Estamos mal.

ELE – Estar mal é melhor que estar pior.

ELA – (Com desprezo) Filosofia. Filosofia. Nunca vai se livrar dela. As experiências da vida não ter servem de nada. Te fazem filósofo. Você disse que queria sair, sai se quiser.

ELE – Não em qualquer condição. Se eu saio, eles vão se aborrecer. É melhor esperar que eles voltem para suas casas. Prefiro me entediar na minha. Se você quiser sair, não te impeço.

ELA – Sei bem o que você está querendo.

ELE – O que é que eu quero?

ELA – Você quer me jogar na rua.

ELE – É você que quer me jogar na rua.

ELA – (Olhando os destroços e as paredes emburacadas) Você já me jogou. Já estamos na rua.

ELE – É verdade. Mas não totalmente ainda.

ELA – Eles estão alegres, eles comem, eles bebem, eles voltam, eles são terríveis, eles podem fazer qualquer coisa, podem atirar-se sobre você, uma pobre mulher. Imagine você, prefiro amar um idiota a qualquer um. Pelo menos um idiota assim não tem projetos.

ELE – Você joga isso na minha cara.

ELA – Sempre joga isso na tua cara.

ELE – O que é que eles estão preparando agora? Estão calados. Isso não pode durar muito. Como eu os conheço, como eu os conheço; quando têm alguma coisa na cabeça, é espantoso, mas quando não têm nada, então se metem a procurar, a procurar. Podem encontrar qualquer coisa. Invenções. Pode se esperar de tudo. Pelo menos, quando estão

combatendo, se a princípio não sabem por quê, acabam sempre encontrando razões. Eles não vão além de suas razões, ou vão, apesar de tudo, mas isso encontra um sentido. Quando acaba, eles têm que recomeçar tudo. O que farão? Que irão encontrar?

ELA – Encontre por eles. Você não pode. Você não quer esquentar os miolos, isso não te interessa. Por que isso não te interessa? Encontre motivos e dê para eles, já que você diz que estão procurando.

ELE – Não há razões para nada.

ELA – Isso não impede as pessoas de se agitarem; não servem para outra coisa.

ELE – Você vê que eles já não cantam mais. O que estarão preparando?

ELA – Que poderão nos fazer? Fora o perigo, é verdade. Pois se você diz que nada podem nos fazer, você pode viver aqui dentro, tua vida está aqui. (Mostra a casa) Se você quisesse, mas você não é capaz de fazer nada. Falta imaginação. Meu marido era um gênio. Tive a péssima idéia de arrumar um amante. Pior para mim.

ELE – Pelo menos, nos deixam em paz.

ELA – É justo. A paz explodiu, foi declarada a paz. Que vai ser de nós? Que vai ser de nós?

Ligeiros rumores na rua

ELE – Antes era melhor. Pelo menos, tinha-se tempo.

ELA – Antes do quê?

ELE – Antes que isso começasse, antes que isso começasse.

ELA – Antes de quem começar o quê?

ELE – Antes que não existisse nada, antes que houvesse qualquer coisa.

ELA – Como vamos fazer para reparar a casa?

ELE – É o que me pergunto.

ELA – Você tem que se virar.

ELE – Não podemos mais encontrar um artesão, estão todos na festa. Estão se divertindo, por aí. Há pouco, estavam todos imobilizados pela guerra; agora estão imobilizados pela paz. Dá no mesmo. De qualquer maneira, nunca estão à disposição.

ELA – É porque estão sempre em toda parte.

Cessa progressivamente o ruído.